



## DESIGN E MÍDIA: ANÁLISE DAS ILUSTRAÇÕES DE ALCEU PENNA NA REVISTA “O CRUZEIRO” COMO REFERÊNCIA DE MODA NA DÉCADA 1950

Jessica Tavares de Oliveira  
FACED - Faculdade Divinópolis  
jessicatavares\_bd@hotmail.com

Michelle Mariano Melo  
FACED - Faculdade Divinópolis  
mi.melo.estilo@gmail.com

Maria Alice Gonçalves Oliveira Rocha  
Tolentino  
FACED - Faculdade Divinópolis  
maria.toletino@yahoo.com.br

Rodrigo Bessa  
FACED - Faculdade Divinópolis  
bessarodrigo@hotmail.com

Vanessa de Souza Silva  
FACED - Faculdade Divinópolis  
vanessa8souza@hotmail.com

---

**Resumo:** O presente artigo investiga a ilustração de moda na revista “O Cruzeiro” produzida por Alceu Penna através do estudo das imagens e textos da coluna. O ilustrador após abandonar o curso de arquitetura, concentra-se em sua habilidade artística, e se destaca em um dos maiores meios de comunicação daquele período. A pesquisa analisa os textos integrados às imagens da coluna, e se os impressos causaram alguma mudança de comportamento no público feminino em uma sociedade patriarcal. O design de moda, os costumes da década 1950 e a mídia impressa são analisadas. Com essas informações, foi possível averiguar as referências das “Garotas do Alceu” na coluna da revista “O Cruzeiro” no cotidiano das mulheres da época.

**Palavras-chave:** Revista O Cruzeiro, Mídia Impressa, Design, Ilustração de Moda, Alceu Penna

**Abstract:** *This article investigates the fashion illustration in the magazine "O Cruzeiro" produced by Alceu Penna through the study of images and text in the column . The illustrator after leaving the course architecture , focuses on his artistic ability , and stands in one of the largest media of the time. The research analyzes the texts integrated into the column images , and printed caused some change in behavior among females in a patriarchal society. The fashion design , the customs of the decade in 1950s and the print media are analyzed. With this information, it was possible to verify the references of the "Girls of Alceu " in the magazine's column "O Cruzeiro " in the daily lives of women of the time.*

**Keywords:** *magazine O Cruzeiro, Print Media , Design , Fashion Illustration, Alceu Penna .*

## 1. INTRODUÇÃO

Desde criança Alceu Penna causava admiração em seus amigos com sua habilidade para o desenho. Ele tentou cursar arquitetura na Escola de Belas Artes no Rio de Janeiro, mas seu desejo de trabalhar com a arte foi mais forte, e em 1938 foi inaugurada sua coluna para a revista O Cruzeiro, intitulada “As Garotas do Alceu”. Durante os 26 anos em que foi publicada, a coluna teve repercussão na vida de suas leitoras.

Na época um dos meios de comunicação mais acessível a população era o impresso. Na década de 1950, a revista “O Cruzeiro” foi considerada a publicação de maior importância, sendo a primeira a conter ilustrações coloridas, alcançando leitores do todo o Brasil.

Alceu foi uma presença marcante na revista “O Cruzeiro”, pois contribuiu com as matérias sobre design de moda, sugestões de fantasia e dicas de beleza. Além disso, seu mais marcante trabalho no impresso foi a coluna “As Garotas”, incluía diversos assuntos, o que integrava textos humorados de alguns redatores às imagens de belas garotas vestidas de acordo com a proposta de design de moda da época.

O vestuário feminino da década de 1950 foi bem marcante, principalmente as referências como o New Look do designer Christian Dior, o delineado e óculos em estilo “gatinho”, os shorts e calças, ou seja, designs que carregavam a feminilidade esquecida nos tempos de guerra e traços de uma crescente liberdade no modo de vestir das mulheres.

Através das ilustrações de Alceu foi possível identificar com facilidade o design da indumentária da década 1950. O ilustrador representava as tendências internacionais no cotidiano das brasileiras, principalmente das cariocas, pois era no Rio de Janeiro que “As Garotas” eram retratadas.

## 2. BREVE HISTÓRIA DE ALCEU PENNA

Rosto cheio, baixinho e peso um pouco acima da média, Alceu Penna levava desvantagem física em relação aos colegas do seu tempo de colégio, mas isso não mudava em nada sua popularidade, devido seu talento para o desenho. Nascido em 1º de janeiro de 1915 em Curvelo, uma pequena cidade de Minas Gerais, situada em um grande chapadão na região central do estado. Desde criança era destacado por suas habilidades com os desenhos, e seus colegas admiravam sua rapidez para retratar pessoas com lápis e papel, e fazer charges e caricaturas (JUNIOR, 2011, pag. 19 e 22).

Filho de Christiano Penna e Mercedes de Paula Penna, Alceu teve 10 irmãos: Evaristo, Josaphat, América, Neide, Cláudio, Aloísio, Adalto, Maria Carmem, Tereza e Christiano. Ao terminar o ginásio, como mandava a tradição, todos os filhos homens eram mandados para Diamantina ou Ouro Preto, cidades que tinham faculdades. Já as mulheres cursavam apenas o magistério e recebiam uma educação doméstica para se tornarem esposas exemplares (JUNIOR, 2011, pag.29).

Josaphat, Cláudio e Adalto foram enviados para cursar medicina, sendo que esse último citado, no meio do curso, mudou para odontologia. Evaristo se tornou engenheiro e Christiano funcionário público. Aloísio foi cuidar das terras do pai como um bem-sucedido criador de gado de Curvelo. Desde novo Alceu dizia que queria ser um pintor famoso, o que seu pai considerava uma blasfêmia. Mesmo assim, ele insistiu em seu desejo extravagante e seguiu pelos caminhos da arte (JUNIOR, 2011, pag. 29).

Em janeiro de 1932, com 17 anos, mudou-se para casa dos tios Alexandre Penna e sua esposa Maria Isabel no Rio de Janeiro, para cursar a faculdade de arquitetura, a pedido de seu pai, na Escola Nacional de Belas Artes, mas não chegou a concluir o curso. Então, Alceu focou em seus talentos artísticos e passou a visitar jornais e revistas para divulgar e vender seus desenhos. (JUNIOR, 2011, pag. 34).

A contribuição de Alceu Penna para a ilustração de moda causou grande impacto e impressionou, por exemplo, o cartunista Ziraldo: “Não tenho, porém, conhecimento, na história de nossa imprensa, de nenhum outro artista que tenha influenciado, com seu trabalho, o comportamento de toda uma geração” (JUNIOR, 2011, pag. 306).

Em 1975, com 60 anos, o ilustrador sofreu um infarto que acabou prejudicando suas funções motoras. Depois disso, ele ainda tentou desenhar, mas não obtinha o mesmo resultado. Em um domingo, 13 de janeiro de 1980, Alceu Penna sofre morte cerebral, e pouco depois, morre. A admiração por seu trabalho continuaria viva por muito tempo. (JUNIOR, 2011, pag. 29).

## 2.1 A trajetória do ilustrador Alceu Penna

Ao longo de sua carreira Alceu Penna desenvolveu vários trabalhos. Assim que se mudou para o Rio de Janeiro em 1932, seu objetivo era fazer faculdade, para buscar uma condição estável. Mas ele preferiu investir em seu talento para o desenho gráfico, acreditando que assim poderia chegar onde exatamente queria (JUNIOR, 2011, pag. 48).

A primeira publicação importante de Alceu foi uma série de ilustrações no começo de 1933, para o *Suplemento Infantil* de *O jornal*, de Chateaubriand. Esse trabalho permitiu que ele tivesse acesso a revista do mesmo grupo, *O Cruzeiro*, onde começou com ilustrações para sua capa e mais tarde desenvolveu a coluna “As Garotas”, que começou em 1938 e manteve-se ininterruptamente até 1964 (JUNIOR, 2011, pag.51 e 90).

A partir desse momento, a vocação do ilustrador abriu portas para outras publicações importantes da época, como a capa desenvolvida para a revista “*Cidade Maravilhosa*”, em 1936. Ele ainda contribuiu com ilustrações para as revistas “*Esquire*” (Estados Unidos da America), em 1940, e as revistas “*Tricô e Crochê*”, em 1951, e “*Manequim*” para assuntos de noiva e carnaval, em 1974. Além de “*O Jornal*”, que contou com seus desenhos para sua coluna “*Suplemento Feminino*”, entre 1963 a 1965.<sup>1</sup>

As ilustrações para livros também foram frequentes. Seus trabalhos aparecem em “*Primeira Leitura*”, de Luiz Gonzaga Jr. (1939), “*O Mistério do Castelo Cor de Rosa*” (1939), “*Chapeuzinho Vermelho*” (1940), “*A Estrela Azul*”, de Murilo Araújo (1940), “*Detalhes de Elegância e Beleza*”, de Elza Marzulo (1948), capa do livro “*Gente Miúda*”, de Albano Paulo de Paula (1948) e ilustrações para “*ABC das Mães*”, de Odilon Andrade (1969).<sup>2</sup>

De 1946 a 1952 Alceu trabalhou na execução de uma série de calendário para a empresa *Moinhos Santista*, onde desenhou garotas com uma sensualidade além de sua

<sup>1</sup>Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa378586/alceu-penna>> Acessado em 11/04/2016.

<sup>2</sup>Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa378586/alceu-penna>> Acessado em 11/04/2016.

época. Desenvolveu também cartazes e propagandas para muitas marcas, como *Cigarros Odalisca* e *Casa Levy* (ambas em 1939).<sup>3</sup>

O ilustrador era decidido a mudar-se para os Estados Unidos e o êxito da coluna *As Garotas* não abalou essa decisão. Convenceu seu chefe e amigo Accioly Neto a enviá-lo como correspondente da revista *O CRUZEIRO* para cobrir a *Feira Mundial de Nova York*. (JUNIOR, 2011, pag. 96)

Nas décadas de 1950, 1960 e 1970 desenvolveu figurinos e cenários para diversos shows e espetáculos teatrais. Em 1954 criou uma fantasia para Martha Rocha participar de um concurso de beleza e para Emília Corrêa de Lima concorrer à Miss Brasil 1955. Em 1939, Alceu ainda teve a oportunidade de recriar o figurino de Carmem Miranda (JUNIOR, 2011, pag.102). Seus trabalhos de fantasias e figurinos lhe renderam alguns prêmios.<sup>4</sup>

A contribuição de Alceu Penna para os figurinos da *Companhia Rhodia* começou em 1962 e durou até 1975 e incluía desenhos para o caderno de orientação de moda da marca e contribuições para os desfiles. Ele se dedicou tanto a este trabalho que teve que deixar a coluna “*As Garotas*” para cumprir seus compromissos com a *Companhia* (JUNIOR, 2011, pag. 96 e 256).

Apesar de Alceu Penna ter ganhado tamanha notoriedade após anos de variados trabalhos, ele nunca se esqueceu da verdadeira essência de seu trabalho: a arte. Muitas noivas subiram ao altar com criações dele, sem que cobrasse um centavo, apenas pela satisfação vê-las felizes<sup>5</sup>. Dentre todas as suas realizações a que mais se destacou foi a coluna “*As Garotas*”, na revista *O CRUZEIRO*. A partir dessas publicações, ele conseguiu transmitir seus conhecimentos de moda, que acabaram por refletir no comportamento das mulheres da época.

### 3. AS GAROTAS DO ALCEU

Em 5 de abril de 1938, chegava às bancas, nas páginas da principal revista de Chateaubriand “*As Garotas*”, uma coluna que traziam vários grupos de lindas mocinhas, vestidas na última moda, conversando sobre vários assuntos. O texto, na forma de diálogo era dedicado ao público juvenil. Esse projeto foi apresentado à Accioly, que ficou encantado. Nascia dessa forma “*As Garotas de Alceu*”, um marco na história de *O Cruzeiro* (JUNIOR, 2011, pag. 84, 90).

A coluna surgiu em pleno Estado Novo (1937-1945), onde o presidente implantou uma política nacionalista, ou seja, rejeitava a influência estrangeira e focava na valorização do produto brasileiro. O nacionalismo econômico-político se expandiu para o setor cultural e para difundir a concepção de mundo que o Estado desejava passar para a sociedade, ele criou aparatos culturais próprios. (ORDONES, 2007, pag. 32,33).

---

<sup>3</sup>Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa378586/alceu-penna>> Acessado em 11/04/2016.

<sup>4</sup>Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-71832010000100009&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-71832010000100009&script=sci_arttext)> Acessado em 09/04/2016.

<sup>5</sup>Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-71832010000100009&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-71832010000100009&script=sci_arttext)> Acessado em 09/04/2016

As posturas elitistas mostram a busca da construção de um ideal nacional para se igualar às nações mais desenvolvidas. A partir dos anos 1930, com a ajuda do rádio, o samba vive uma fase de disseminação ao lado do carnaval, tornando-se um dos símbolos da cultura brasileira. O samba urbano, que foi destacado de suas origens, aparece com frequência na coluna, onde “As Garotas” participavam da festa carnavalesca em ambientes de classe média e elite. (ORDONES, 2007, pag. 33-35).

As manifestações cívicas também se tonaram um suporte ideológico para o governo, sendo retratadas em algumas edições da revista pela mesma coluna. O Estado buscava a construção de um país moderno onde o trabalho era valorizado, por isso era necessário apagar tudo que ia contra este ideal. (ORDONES, 2007, pag. 36). A noção de que o brasileiro era preguiçoso e malandro foi combatida.

“As Garotas de Alceu” tinham inicialmente duas páginas e com o tempo passariam a variar de quatro a seis, nos 26 anos que seriam publicadas interruptamente. Eram sempre garotas inteligentes, irreverentes, alegres e levemente irônicas, tornando-se sucesso entre as jovens de 14 a 21 anos, que desde então procuravam referências nas “Garotas”, como o jeito de vestir, a dança, as atitudes, as ideias, o penteado, a maquiagem, a fantasia, o vestido de noiva, etc. Alceu não tinha personagens fixas, e nem sempre lhe davam nomes. O tipo físico era sempre o mesmo: magras, de seios pequenos e pouca cintura. Os traços dos rostos eram bem delicados, os cabelos variavam entre ruivas, morenas e loiras, curtos, longos, presos e soltos (JUNIOR, 2011, pag. 92, 94).

Alceu chamava a atenção pelo charme de seus desenhos e pela abordagem dos assuntos semanais cheio de delicadeza que escolhia. O tempo passava e ele se pronunciava com temas mais comportamentais, como atitudes em casa, nas ruas, na praia, nos relacionamentos. Sua inspiração era a beleza, o hábito e costumes das jovens garotas cariocas. As moças eram chiques, bem vestidas, interessantes de serem conhecidas, levavam a vida sem perder a oportunidade de aproveitar os prazeres das praias, dos esportes, das festas, dos passeios na Confeitaria Colombo, do teatro, etc. Gostavam de típicos programas cariocas. Eram jovens que partilhavam de preferências como a pele bronzeada, idas às praias com seus maiôs e biquínis (JUNIOR, 2011, pag. 94).

Décadas se passaram e Alceu conscientemente procurava moldar a mulher carioca e, conseqüentemente, as brasileiras. Parecia que a coluna estava dez ou vinte anos adiantada em relação a seu tempo. Sem dúvidas “As Garotas”, foram precursoras e revolucionárias no sentido de invadir a revista mais lida do país, fazendo a emancipação feminina principalmente do corpo e da mente (JUNIOR, 2011, pag. 95).

O ilustrador conseguiu mostrar com discrição e sutileza que a sensualidade feminina nada tinha a ver com vulgaridade e que também não era o oposto castidade. Em uma época em que a moda internacional servia de referência para as mulheres brasileiras, Alceu conseguiu trazer para o Brasil uma atitude nova, de liberdade e independência.

### 3.1 “Irrequietas e Endiabradas”

A pedido de Accioly Neto, que foi redator da revista, Alceu Penna criou as primeiras *pin-ups*<sup>6</sup> brasileiras. As ilustrações foram inspiradas nas *Gibson Girls*,

---

<sup>6</sup>Compreendemos a pin-up pelo imaginário relativo ao ápice do gênero: fotografias e ilustrações produzidas entre 1940 e 1950, em que meninas/mulheres de boa aparência – bem vestidas, penteadas e

desenhos do norte-americano Charles Dana Gibson que fizeram história no final do século XIX e início do século XX. As semelhanças entre as *Gibson Girls* e as “Garotas” são muitas. Além dos dois trabalhos transmitiram as últimas tendências em moda e penteados e mostraram um comportamento ousado, também representavam as mulheres em situações específicas de lazer (ORDONES, 2007, pag. 88). “A beleza das ‘Garotas’, entretanto, se diferencia tanto das pin-ups quanto das Gibson Girls, especificamente, pois, não é passiva e serve a um objetivo maior: o delas mesmas.”<sup>7</sup>

As “Garotas” foram apresentadas como “endiabradas e inquietas”, e a coluna era composta por ilustrações e textos que se complementavam, um enriquecendo o outro (ORDONES, 2007, pag. 83). A maioria dos textos foi feita por Edgar Alencar (A. Ladino) e Maria Luiza, com alguns do próprio Alceu. Ao analisar os exemplares da revista *O Cruzeiro*, percebe-se que os textos escritos por A. Ladino, que contribuiu de 1946 até 1957, possuem um tom mais picante e atrevido, enquanto que aqueles escritos por Maria Luisa demonstram um tom mais conservador, sempre procurando transmitir um conselho.

Alceu popularizou um biótipo específico de beleza, o da mulher de cintura fina, quadris reduzidos, pescoço longo, nariz fino e olhos puxados (JUNIOR, 2011, pag.136). Não havia personagens definidos, ora apareciam seus nomes e várias vezes não. A coluna apresentava garotas com cabelos loiros, castanhos, ruivos, curtos, longos, presos ou soltos, possibilitando que mulheres de vários estilos se identificassem. “É provável que ele tenha se inspirado em belas mulheres de sua época, mas não há registro que ele tinha uma mulher específica como modelo” (ORDONES, 2007, pag. 95).

Suas personagens materializavam o sonho da mulher ideal, segundo Alceu, eram bonitas, atrevidas, inteligentes e cheias de modernidade. Elas iam além do charme, suas características eram de jovens que gostavam de passear, fazer piquenique, ir à praia e aos bailes de carnaval. Com suas famosas “noivas” ele propunha uma mulher que queria casar, mais sem o significado de meninas moralmente comportadas ou reprimidas, muito pelo contrário, elas eram seguras de si e não pensavam em viver uma vida de serviços domésticos. (JUNIOR, 2011, pag.139). Através de suas “Garotas”, Alceu ditava a forma de se vestir e de comportamento. Em um dos textos feitos por A. Ladino para uma coluna da revista “*O Cruzeiro*” ele coloca que ao invés das Garotas submissas, obedientes e quietinhas, como seria do agrado dos homens da época, teriam que as enfrentas de igual para igual (JUNIOR, 2011, pag.136).

Um dos motivos para o sucesso da coluna pode ter sido os textos, que em sua maioria apresentava um tom coloquial, como um diálogo entre elas e o leitor. Isso contribuiu para que “As Garotas” conquistassem os leitores, pois os introduziam em suas vidas, em seus programas e contavam suas travessuras como se fossem íntimos.

As ilustrações mostram garotas que usam a sedução e a beleza para conseguirem mimos, rapazes e fazer o que bem entenderem. Elas não gostam de ser

---

maquiadas – são retratadas em situações, normalmente no espaço privativo do doméstico, que as fazem revelar seu lingerie, ou partes do corpo que supostamente deveriam estar cobertas por sua indumentária. (MIRANDA, Fernanda. Pin Ups de ontem e de hoje: metodologia de comparação de imagens de feminilidades performadas).

<sup>7</sup>ORDONES, 2007, pag. 91.

contrariadas: “Nada mais justo do que respeitarmos os enfados dessas criaturinhas, que são anjos de candura quando não são contrariadas.”<sup>8</sup>

A descrição das “Garotas” nos primeiros anos era que além de encantadoras tinham também uma sensualidade. Quase sempre eram maliciosas, dotadas de bom humor e bom gosto. Os textos que acompanhavam as colunas davam um tom ainda mais sensual, provocativo e bem-humorado. (JUNIOR, 2011, pag.140). A inspiração exercida nas mulheres da época era notória, jovens senhoras e senhoritas interessadas em se manter atualizadas em moda.

O artista acabaria por influenciar pelo menos duas gerações de mulheres. Alceu era um astuto repórter visual da moda e do comportamento em sua época. Apaixonado pelo vestuário feminino, criou seus modelos explicitamente para serem copiados pelos milhares de adolescentes, jovens e até senhoras que consumiam sua coluna todas as semanas. Sua irmã Tereza contou que era comum as meninas recortarem as páginas de “O Cruzeiro” ou de “A Cigarra” antes de irem para a costureira (JUNIOR, pag.490).

O editor da revista “O Cruzeiro” descobriu que o banho de sol e mar em Copacabana podia ser interessante para suas leitoras, não apenas pelo seu aspecto farmacêutico, mais também estético. Lá elas podiam desfilarem suas curvas em seus belos maiôs. Mais tarde algumas provocariam escândalos entre os moralistas com os trajes conhecidos como duas peças, que despertava bastante interesse dos homens. (JUNIOR, 2011, pag.57). Essa busca pelo corpo bronzeado começa a significar um *status* tanto como o corpo alvo da elite. Assim como a pele branca, o a pele bronzeada mostrava que havia tempo livre, nesse caso para se divertir nas praias e piscinas de Copacabana, enquanto muitos possuíam responsabilidades.

Através dos textos e imagens da coluna “As Garotas de Alceu”, percebe-se que, provavelmente, são moças que pertencem à classe média. Apesar das roupas na última moda, dos lugares frequentados e dos vários períodos de férias, existe um desejo de ascensão social e a preocupação com dinheiro. Em “As Garotas no Garimpo”, elas expressam o desejo de encontrar um rapaz que possa proporcionar uma vida confortável, com alguns luxos: “O garimpo não é, como poderia supor, nas minas ou nas lavras. E o filão conduz diretamente ao dedo de bacharel, promissor bom partido.”<sup>9</sup> As “Garotas” demonstram também se preocupar com o preço dos ingressos do Teatro Municipal.

Outra mensagem que “As Garotas” sempre passavam era a de juventude e formosura. Sua beleza era almejada tanto pelas adolescentes como também por suas mães, que investiam em cuidados com o corpo para transmitir cada vez mais vitalidade. As mulheres da época desejavam a pele perfeita das atrizes de Hollywood e eram tão vaidosas que não saíam de casa sem pó de arroz, ou pancake. O batom vermelho fazia sucesso, assim como o delineado nos olhos e os penteados ondulados para as mulheres e o rabo de cavalo com fita para as jovens.

Em algumas edições da coluna, as “Garotas” demonstravam certa dualidade de comportamento. Mesmo que se preocupassem em conquistar um rapaz com boas

---

<sup>8</sup>“As Garotas de Alceu”. “Não Contrarie as Garotas”. Texto A. Ladino. In: O CRUZEIRO. 10 de dezembro de 1955, pag. 78-79.

<sup>9</sup>“As Garotas do Alceu”. “As Garotas no Garimpo”. Texto de Maria Luiza. In: O CRUZEIRO, 5 de dezembro de 1959, pag. 48-49.

condições financeiras, elas também eram independentes e possuíam seus próprios recursos. Tiravam férias com as amigas e enfrentavam seus percursos a pé ou de ônibus. “Cansadas de tanto carnaval, de tanta boate, de tanto cinema, de tanto, as garotas entraram de férias, como se férias não lhes fossem a vida inteira.”<sup>10</sup>

A moda e o corpo são capazes de transmitir a cultura, costumes, modo de pensar e agir e a conduta das pessoas, de acordo com o modo que os usam. “A moda adquire expressão através do corpo e vice-versa.” (ORDONES, 2007, pag. 98). Assim, através da coluna observa-se o modo de vestir e agir das mulheres da época e sua conduta em meio a uma sociedade patriarcal. Mesmo transmitindo uma realidade das leitoras, nota-se os pequenos avanços que as “Garotas” proporcionaram através dos anos. Elas conseguiram conquistar as mulheres através de sua feminilidade e beleza e os homens com seus dotes físicos e charme.

“As ilustrações eram cercadas de uma magia inalcançável, uma estética perfeita, quase que boas demais para serem verdade” (ORDONES, 2007, pag. 116). Ruy Castro destaca a singularidade das ilustrações e sua importância como modelo de beleza e comportamento:

Suas Garotas tinham *it* e ensinavam às mulheres que ter personalidade e ser independente não era uma utopia. Os rapazes ficavam malucos e queriam ser maridos, namorados ou qualquer outra coisa dessas meninas tão características do charme e do maneio brasileiro. Pois a página de Alceu lhes ensinou que, para conquistá-las, teriam de mudar seus conceitos e aceitar uma nova mulher.”<sup>11</sup>

“As Garotas” traduziam o que as mulheres da época desejavam ser. Na década de 1950 as jovens queriam aproveitar a vida e as mulheres queriam se sentir jovens. As ilustrações representavam a roupa, os rituais de beleza, os lugares para frequentar e se divertir, os relacionamentos e o comportamento atrevido e, ao mesmo tempo, aceitável para a época.

#### 4. MODOS E MODAS DOS ANOS 1950

Com o fim da Segunda Guerra Mundial, o mundo se viu dividido entre os EUA e a União Soviética. O Brasil decidiu apoiar os EUA, estreitando ainda mais sua relação com os norte-americanos. O país entra em uma fase democrática, com Getúlio Vargas no poder, e de desenvolvimento industrial, o custo de vida eleva-se a mais de 40%, provocando greve de trabalhadores. Para tentar resolver o problema, o presidente autoriza o aumento do salário mínimo em 100%, o que gera insatisfação da classe conservadora e faz com que ele perca o apoio da maioria da imprensa da época<sup>12</sup>.

Já no governo de Juscelino Kubitschek, o desenvolvimento desenfreado pela proposta de fazer o Brasil crescer “50 anos em 5” tentou mudar o posicionamento de um país de classe subdesenvolvido, porém não obteve sucesso. Com as descobertas tecnológicas que ocorreram durante as “Grandes Guerras”, as casas brasileiras se

<sup>10</sup>“As Garotas do Alceu”. “Garotas em Férias”. Texto de A. Ladino. In: O CRUZEIRO, 3 de abril de 1954, pag. 46-47.

<sup>11</sup>CASTRO, Ruy. Texto de apresentação da exposição “O Brasil na Ponta do Lápis: Alceu Penna, modas e figurinos”

<sup>12</sup>RODRIGUES, Marly. O Brasil na década de 1950.

encheram de eletrodomésticos como enceradeiras, televisores, liquidificadores, painéis de pressão, traduzindo o *American Way of Life*<sup>13</sup>.

Além disso, o Brasil ainda tinha como referência a moda internacional. As brasileiras incorporaram naquele momento o estilo New Look, criado por Christian Dior, em 1947. Depois da escassez do período de guerra, as roupas das mulheres eram feitas para lembrá-las de sua feminilidade. Juntamente com o comportamento de direitos recém-adquiridos as mulheres conquistaram cada vez mais espaço<sup>14</sup>.

O New Look foi o ponto alto da década de 1950, com sua saia godê e cintura muito marcada. A continuação foi com a saia balão, saias plissadas, franzidas, com conjunto de blusas e casaquinhos de tricô, meia soquete e sapato mocassim ou pump. Os terninhos de alfaiataria com saia lápis comuns na década de 1940 se mantiveram. As garotas começam a usar calça comprida, de cintura alta e marcada<sup>15</sup>.

Os corseletes tornaram-se mais confortáveis, as barbatanas de baleia foram substituídas pelas de aço e os *busks* pelos zíperes. Eles não eram tão rígidos, mas continuavam bem estruturados. Após a Guerra o comércio das *lingeries* também começa a fazer sucesso. As *underwear* eram leves e fáceis de lavar e o sutiã cônico buscava dar a forma ideal ao corpo feminino. Aos poucos as anáguas de nylon substituem as pesadas anáguas de popeline de algodão, e bastava encaixar dois aros na barra para que a peça leve ficasse armada<sup>16</sup>.

Em relação ao comportamento feminino, ainda existia nos anos de 1950 certo conservadorismo. As mulheres divorciadas eram mal vistas, a virgindade era supervalorizada, as moças podiam namorar apenas na porta de casa e deveriam reservar a primeira valsa de seu *début* ao pai. Mas, assim como na moda, pode-se perceber uma crescente liberdade na vida das mulheres. Assim como iam se livrando do aperto dos espartilhos, do peso das saias, e do excesso de tecidos, iam conquistando mais espaço na sociedade, saindo sozinhas, bebendo com as amigas, frequentando confeitarias e discotecas, mesmo que de forma discreta.<sup>17</sup>

O cinema era uma vitrine de inspiração. As mulheres desejavam a pele perfeita das atrizes, as roupas e penteados. O comportamento ousado foi ganhando cada vez mais atenção. Os EUA e a Europa, principalmente a França, expunham seu estilo, cada um com um charme, e todos queriam copiá-los. Através da coluna é possível perceber essas mudanças, o interesse das mulheres em se tornarem cada vez mais parecidas com as estrelas de Hollywood, com a classe francesa, as garotas deslumbradas com os filmes e musicais adolescentes e seus ídolos.

A referência norte-americana e francesa continuava presente na vida d'As Garotas. Após a Guerra, os EUA ampliam seu mercado de moda com a produção de roupas prontas. O cinema também servia como referência de moda alternativa e de beleza diferente da tradicional Alta Costura francesa (ORDONES, 2007, pag. 103). O visual norte-americano foi representado na coluna, sobretudo, por calças cigarretes, suéteres e os sensuais shorts, que apesar de ainda serem vistos com alguma ressalva, acabaram conquistando "As Garotas": "O short tomou conta das Garotas. Ou melhor, as Garotas tomaram conta do short. Às vezes o short deixa de sê-lo para se transformar

---

<sup>13</sup>RODRIGUES, Marly. O Brasil na década de 1950.

<sup>14</sup>GONTIJO, Silvana. 80 Anos de Moda no Brasil.

<sup>15</sup>GONTIJO, Silvana. 80 Anos de Moda no Brasil.

<sup>16</sup>GONTIJO, Silvana. 80 Anos de Moda no Brasil.

<sup>17</sup>GONTIJO, Silvana. 80 Anos de Moda no Brasil.

em calças compridas para o cinema e os passeios de auto, ou ‘pescasiris’ para os piqueniques e bailaricos (SIC) campestres. O short ajuda o movimento das Garotas e por isso mesmo elas o tem como sua indumentária preferencial...”.<sup>18</sup>

A referência da moda francesa se vê mais nos vestidos de noite, pois valoriza a seriedade e a discrição. O New Look a partir dos anos de 1950 se tornou cada vez mais frequente na coluna. “Os chapéus enfeitados cedem lugar à simplicidade dos rabos de cavalo e laços de fita no cabelo, usados, principalmente, pelas adolescentes, faixa etária correspondente às ‘Garotas’” (ORDONES, 2007, pag. 106).

Observa-se que a feminilidade era o ponto alto da coluna, mostrando referências de estilos internacionais totalmente diferentes. Havia o norte-americano, mais ousado, moderno, transmitindo certa sensualidade, vivacidade e diversão. Enquanto que o estilo francês levava o glamour, a elegância e rigor. Alceu conseguia incluir essas referências no cotidiano das brasileiras, transmitindo através das “Garotas” características que se enquadravam tanto na vida das adolescentes quanto na das mulheres da época.

A revista “O Cruzeiro” como meio de comunicação foi responsável por uma efetiva integração, numa época anterior ao surgimento da televisão. Como não existia ainda um meio rápido de difusão de informação e, portanto, uma falta de comunicação entre as regiões do país, a revista acabou tornando o Rio de Janeiro um modelo para o Brasil (ORDONES, 2007, pag. 48). Assim, é possível afirmar que “As Garotas”, inseridas no cenário carioca, poderiam ser a inspiração da moda, do comportamento e da vida social para todas as brasileiras, levando o Rio de Janeiro e seu estilo de vida por todas as regiões.

Talvez elas tenham se tornado tão populares porque, mesmo não sendo figuras diferentes das mulheres da época, elas se encontravam um pouco à frente delas tanto no estilo como no comportamento. “No Cruzeiro, ao contrário da fotografia cuja função era resgatar o presente passando, pode-se dizer que a ilustração ia onde a fotografia não conseguia: ao passado distante – e idílico – e ao futuro, sempre apresentado como se avizinado” (URSINI, 2000, pag. 50).

#### **4.1 A libertação das jovens na década 1950**

As ilustrações da coluna (FIGURA 1) passavam a ideia de uma vida social intensa que se encaixava perfeitamente com o estilo de vida da juventude da classe média.

Foi na década de 1950, após a Segunda Guerra Mundial, que a cultura jovem passou a ser reconhecida e assim eles começaram a desenvolver atividades típicas de sua faixa etária, que não se confundiam nem se misturavam às dos adultos (ORDONES, 2007, pag. 56).

Na coluna “As Garotas” eram retratadas em vários períodos de descanso. Mesmo sendo figuras urbanas, elas buscavam o campo para diversão, indo à Petrópolis com amigas e amigos, onde poderiam pescar, cavalgar e se entreter com a natureza (ORDONES, 2007, pag. 49). Na cidade elas frequentavam a piscina do Copacabana Palace, a Confeitaria Colombo e o Teatro Municipal. Todas essas atividades eram

---

<sup>18</sup>GONTIJO, Silvana. 80 Anos de Moda no Brasil.

comuns para “As Garotas” e o fato de as fazerem acompanhadas de amigos do sexo oposto passou a ser cada vez mais normal.



Figura 1: “As Garotas do Alceu”. “As Garotas Propõem”. Texto de A. Ladino.

Fonte: Revista “O Cruzeiro”, 1954, pag. 46 e 47.

É certo que o conservadorismo ainda era grande nessa década e os pais ainda se preocupavam que suas filhas fossem moças recatadas, mas a liberdade estava cada vez mais presente na vida das garotas da época. O código de conduta, especialmente para as moças, ainda era rígido. Não deveriam se exceder na bebida, ir a festas desacompanhadas ou voltar de madrugada. “As Garotas” ofereceram outra opção: “Querendo bancar grã fina e mostrar seus predicados, bebe tanto a Rosalina que confessa seus pecados!”<sup>19</sup>

“A linguagem desse grupo etário também se fazia particular, sendo, para o pavor dos pais conservadores, repleta de gírias como “é de lascar” (ruim demais), “que mocotó” (que coxa) ou “da fuzarca” (farra)” (ORDONES, 2007, pag. 59).

A jovem carioca frequentava as praias cada vez com mais naturalidade e ao ver as ilustrações da coluna retratando este mesmo programa se sentiam mais a vontade. Elas exibiam seus corpos bronzeados e, timidamente, suas curvas por baixo de seus maiôs: “Uma praia sem sol quase não tem graça. Mas mesmo com sol, que seria da graça das praias se não houvesse Garotas?”<sup>20</sup>

Em 1950, o *rock* começa a se tornar mais presente no Brasil, assim como o cinema *hollywoodiano*. Os jovens passaram a se inspirar em seus ídolos que eram a imagem da rebeldia, heroísmo e identidade (ORDONES, 2007, pag. 60). “As Garotas” se alternavam entre a ousadia o recato, pois ao mesmo tempo em que queriam transmitir o novo estilo de vida jovem vigente, também não podiam desapontar o conservadorismo dos pais. Apesar dessa sociedade patriarcal, através da coluna percebe-se a crescente liberdade feminina. Seus programas de lazer passavam a ser cada vez mais naturais, e estar acompanhadas por rapazes que não fossem seus namorados se tornou um acontecimento normal.

<sup>19</sup>“As Garotas do Alceu”. “Garotas dão cada baixo”. O CRUZEIRO. 01 de novembro de 1952, pag. 76 e 77.

<sup>20</sup>“As Garotas do Alceu”. “Sol é Maluco por Garotas!”. Texto de A. Ladino. O CRUZEIRO. 22 de outubro de 1955, pag. 110 e 111.

Em um momento em que as questões femininas ainda eram tratadas com tanta artificialidade, “As Garotas” representavam uma forma mais à vontade de lidar com seu corpo e, conseqüentemente, com suas roupas. Apesar de não falarem sobre sexualidade de forma explícita, a coluna exibia essa temática de forma discreta. Elas inspiraram as mulheres reais a quebrar o código dos bons costumes e assim o corpo feminino passa a ser reconhecido como objeto de desejo (ORDONES, 2007, pag. 123).

Ao mesmo tempo em que despertaram a fantasia juvenil masculina, essas beldades revolucionaram as atitudes da mulher jovem em todo o país, em virtude da circulação sem precedentes da revista e também do empenho do próprio autor, claro. Se analisadas apenas por esse ponto de vista, “As Garotas” prenunciaram, pregaram e difundiram entre 1938 a 1964, as tendências de liberdade, independência e emancipação da mulher ocidental, às vezes à frente dos modismos mostrados pelo cinema e pela moda. (JUNIOR, 2011, pag. 12).

Através da coluna, Alceu Penna disseminou novos hábitos, que faziam das “Garotas” mais modernas e urbanas. Elas eram representadas de forma confiantes e irresistíveis, e podem ter contribuído para a emancipação das moças da época.

#### **4.2 “As Garotas de Alceu” como referência de moda e comportamento**

“O Cruzeiro”, além de ser referência do modo de ser, sentir e pensar do brasileiro, era a revista com uma equipe de repórteres que fez de um país pouco conhecido uma sucessiva aventura jornalística cheia de novidades. Era definida como “revista que acompanhava o ritmo da vida moderna” e “a cara do Brasil”. Esse meio de comunicação noticiava acontecimentos de diversas regiões, ajudava os leitores a ter uma visão do mundo, abordava muitos assuntos que influenciava o comportamento dos brasileiros. As páginas eram recheadas com exemplo de mulheres despojadas, como atrizes hollywoodianas e de produtos de beleza que transformavam os sonhos em fantasias femininas.<sup>21</sup> Fez uma intensa cobertura ao mundo da moda com a coluna “As garotas”, que era referência no comportamento social e até político da mulher brasileira. (JUNIOR, 2011, pag. 10).

Alceu Penna traçava as representações gráficas dessas famosas “Garotas”, “beldades” que revolucionaram a atitude da mulher jovem em todo o país, o que tornava uma vitrine de tendências, que de forma ousada, proponha mudanças no comportamento. O desenhista convencia os leitores que a liberdade e sensualidade feminina nada tinha a ver com a vulgaridade<sup>22</sup>.

O ilustrador em sua coluna propagava a emancipação feminina, com várias sugestões de explorar as formas de liberdade que fossem possíveis, em um país que sempre teve uma tradição machista, onde as mulheres tinham que ser submissas aos pais, maridos e filhos. Alguns jornais da época tinham matérias feitas por homens que induziam as mulheres a seguir ainda mais essa submissão. (JUNIOR, 2011, pag.109).

Ao produzir a coluna, Alceu estimulou a mulher urbana a dirigir, estudar línguas, a praticar puericultura, trocar a saia pela calça comprida, frequentar o psicanalista, e adotar o *baby-doll* como ferramenta de sedução, nas festas bebiam champanhe e

<sup>21</sup>Serpa, Leoni Teresinha Vieira. A máscara da modernidade: a mulher na revista O Cruzeiro (1928-1945). Disponível em: <http://www.livrosgratis.com.br>. Acessado em: 17 de maio de 2016.

<sup>22</sup>PENNA, Gabriela Ordonez. Vamos Garotas! Alceu Penna: moda, corpo e emancipação feminina.

tinham ressaca<sup>23</sup> (FIGURA 2). A maioria das jovens aguardavam ansiosas a chegada da revista semanal chegarem nas bancas, para poderem resolver a programação do final de semana. As leitoras buscavam a identidade própria, tinham seus próprios hábitos, vestuário e linguagem, elas não se importavam o que iriam mover para conseguissem os seus objetivos.



**Figura 2 - "As Garotas do Alceu". "A Ressaca das Garotas". Texto de A. Ladino.**

Fonte: Revista "O Cruzeiro", 06 de março de 1954.

As personagens ilustradas materializavam o "sonho da mulher ideal". Por isso várias mulheres vestiam, gesticulavam ou pensavam como "As Garotas de Alceu", essas que gostavam de passear, fazer piquenique, ir à praia e aos bailes de Carnaval. (JUNIOR, 2011, pag.139)

(...) Millôr Fernandes ressaltou seu traço leve e elegante, como qual o desenhista mineiro conduziu as filhas das famílias dos anos 1940/1950 nas páginas de *O Cruzeiro*. "Ninguém deixava de ver toda semana – e era comum as nossas moças finas copiarem os modelos de 'As Garotas'. Estas para quais durante alguns anos fiz legendas, sempre em quadrinhos, eram delicadíssimas, mas maliciosas. Malícia que hoje faria corar qualquer mãe de família, tamanha ingenuidade da época, do Alceu, e.... minha."<sup>24</sup>

Alceu Penna fazia croquis para as mulheres da alta sociedade, o que levava muitas delas ser chamadas de "Garotas de Alceu", mas de carne e osso, estavam belas e delicadas<sup>25</sup>. A dedicação que ele dava aos figurinos de "As Garotas", não chamava atenção apenas das mulheres, mais também costureiros e cabeleireiros (JUNIOR, 2011, pag. 174).

Em uma das edições das revistas as leitoras enviavam cartas com perguntas para que Alceu as respondesse. Certa vez uma leitora do Rio de Janeiro falava sobre a atitude indiferente do seu namorado e a resposta do ilustrador foi: "Não se preocupe com isso! Vá usando a maior quantidade de 'visgo' que puder. Em qualquer caso, porém lembre-se do provérbio. 'Não corra atrás de um bonde nem de um homem. Há de passar outro depois'". As mulheres se envolviam tanto que recorriam ao criador da coluna para conselhos íntimos<sup>26</sup>. É possível perceber que as leitoras não se inspiravam apenas no modo de vestir das "Garotas", iam mais além, queriam que o autor

<sup>23</sup>JUNIOR, Gonçalves. Alceu Penna e as Garotas do Brasil, Moda Imprensa 1933 a 1975.

<sup>24</sup>JUNIOR, Gonçalves. Alceu Penna e as Garotas do Brasil, Moda Imprensa 1933 a 1975.

<sup>25</sup>Penna, Gabriela Ordones. Vamos Garotas! Alceu Penna: moda, corpo e emancipação feminina.

<sup>26</sup>Penna, Gabriela Ordones. Vamos Garotas! Alceu Penna: moda, corpo e emancipação feminina.

interferisse também na relação com o namorado, com as amigas, os maridos, e muitas seguiam a risca seus conselhos.

Anos se passaram e o entusiasmo das leitoras aumentava cada dia mais, pois queriam ser as belas “Garotas de Alceu”. Alguns homens sonhavam em namorar e casar com as “Garotas”, eram o desejo da época, as edições da revista cada dia eram mais procuradas. Em 1950 a revista “O Cruzeiro” era intitulada como a maior revista brasileira (JUNIOR, 2011, pag.198).

Um das colunas de comemoração dos 20 anos das “Garotas”, no texto feito por Maria Luiza<sup>27</sup>, ela retrata bem o que a ilustração de Alceu significava para brasileiras de várias regiões.

(...) fazem 20 anos as garotas que O CRUZEIRO espalha por todos os cantos, são tão conhecidas e tão populares que se tornaram um caso em que “a vida imita a arte”. ALCEU tirou as suas “Garotas” das moças que tomam banho de mar em Guarujá e Copacabana, passeiam pelas ruas de Fortaleza, Porto Alegre e Recife, trabalham em escritório, comparecerem em desfiles a desfiles de modas. E agora, “vinte anos depois”, as garotas brasileiras é que copiam os vestidos, os penteados, o feitio das sobancelhas e até o nariz das garotas do Alceu. Ele pode pois dizer, com orgulho, que suas “Garotas” são garotas-modelo!<sup>28</sup>

Nas ilustrações as meninas mostravam a beleza como arma de sedução, usavam isso para conseguir o que queriam e não gostavam de ser contrariadas. Por isso, elas faziam tudo para chamar a atenção. As atitudes das leitoras mudavam de acordo com o que elas liam, não apenas o modo de se vestir, mas, principalmente, o convívio no dia a dia. (ORDONES, 2009, pag.93).

Durante anos, todas as moças bonitas deste País (...) se penteavam, se sentavam, gesticulavam, sorriam e se vestiam como as Garotas do Alceu. E nos encantavam e nos faziam sonhar. (...) Estou seguro de que, nem um nem outro, conseguiu com seu desenho agir sobre o modo de ser do brasileiro, determinar maneiras de comportamento, de sentir, de escolher, de vestir. Em suma: criar uma moda brasileira. (...) Suas meninas de olhos expressivos, de gestos delicados e cheios de graça, de cinturas finas, de longos cabelos e de saias rodadas, cujo tecido era informado com duas ou três pinceladas – a gente sabia se era seda ou algodão – eram tão fortes que, me parece, os leitores conviviam com elas como se convive com um ser vivo. (...) Elas tinham vida própria, e tanta que Alceu desaparecia por trás delas.<sup>29</sup>

Na década de 1950 existia uma sociedade patriarcal, portanto a coluna mostrava apenas parte daquilo que as mulheres vivenciavam na época. “As Garotas” traduziam o estilo delas pois assim despertaria seu interesse, mas ao mesmo tempo lhes apresentava avanços, seguindo um rumo menos conservador.

---

<sup>27</sup>Uma das redatoras da Coluna “As Garotas de Alceu”.

<sup>28</sup>Texto Desenhos de Alceu de Maria Luiza. In Revista O Cruzeiro. 1958

<sup>29</sup>Oliveira, Amanda Fonseca. Imagens da mulher moderna: um estudo da Revista O Cruzeiro e o consumo feminino (1930/1950) pag. 9. Disponível em: [http://www.puc-rio.br/Pibic/relatorio\\_resumo2014/relatorios\\_pdf/ccs/COM/COM-Amanda%20da%20Fonseca%20de%20Oliveira.pdf](http://www.puc-rio.br/Pibic/relatorio_resumo2014/relatorios_pdf/ccs/COM/COM-Amanda%20da%20Fonseca%20de%20Oliveira.pdf). Acessado em: 17 de maio de 2016.

As Garotas de Alceu representavam, principalmente para as garotas dos anos 50, modelo de comportamento, de estilo. Copiava-se tudo delas: o penteado, a roupa, o *savoir vivre*. Numa época em que a televisão era um sonho, as notícias e fotos de outro lado do mundo levavam dias para chegar até aqui. Alceu Penna recebia informações do que estava em moda lá fora, processava as tendências e, pioneiro, criava com seus desenhos um estilo brasileiro. Com isso, influenciou toda geração. Autênticas, as Garotas não passaram, continuam na moda até hoje<sup>30</sup>.

“As Garotas de Alceu” era a moda a ser copiada, faziam um papel importante no imaginário feminino, o ilustrador caprichava na produção dos seus desenhos, trabalhava com detalhes nas texturas e tramas dos tecidos, demonstrando bem as cores de cada estação. Os penteados e cortes de cabelo também eram referência para os eventos. As atitudes que suas garotas apresentavam eram prontamente adotadas criando modismo populares.<sup>31</sup> (FIGURA 3 e 4)



Figura 3: “As Garotas do Alceu”. “O Chapéuzinho das Garotas”. Texto de A. Ladino. Fonte: Revista “O Cruzeiro”, 11 de novembro de 1950.



Figura 4: Clélia d'Amelio, saindo do Tribunal Eleitoral de São Paulo. Fonte: Revista “O Cruzeiro”, 11 novembro de 1950.

<sup>30</sup>Penna, Gabriela Ordones. Vamos Garotas! Alceu Penna: moda, corpo e emancipação feminina.

<sup>31</sup><http://www2.uol.com.br/modabrasil/biblioteca/grandesnomes/alceu> <acessado 17/05/2015>

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os Direitos Humanos, por muito tempo trataram a questão da mulher de forma secundária. O fenômeno social de desigualdade histórica, social e jurídica das mulheres além de ser um assunto político, era também uma imposição social remota<sup>32</sup>. Infelizmente, até hoje essa igualdade não é total. Ainda existe muita discriminação entre os sexos, mesmo que as mulheres tenham conquistado vários avanços. Na década de 1950, época abordada pelo artigo, existia uma diferença gigantesca de gênero. As mulheres ainda eram vistas como donas de casa que deveriam se preocupar em ter uma boa educação e estarem sempre bonitas para conseguirem um bom casamento. Suas atitudes deveriam ser totalmente controladas, para que não fugissem dos padrões da sociedade conservadora e não podiam ter a mesma participação política ou no mercado de trabalho que os homens.

Através da coluna “As Garotas do Alceu”, percebe-se que há uma crescente liberdade surgindo no meio feminino. Discretamente e em escala bem menor do que nos dias atuais, elas começaram a se impor e abusar de seus atributos, não apenas através da moda, mas também em um comportamento que traduzia seu desejo de igualdade.

“As Garotas” dos anos de 1950, assim como as mulheres, resgataram uma feminilidade esquecida no tempo de guerra. Assim, o vestuário era feito para elas sentirem-se novamente delicadas e glamorosas, buscando uma beleza constante com todos os cosméticos que ficavam cada vez mais conhecidos e acessíveis. Mesmo quando “As Garotas” eram retratadas em alguma atividade doméstica nunca estavam mal arrumadas. Mas a coluna estava longe de impor como um estereótipo feminino, ao contrário, ela abriu espaço para uma nova forma de ser e pensar das mulheres, ousando com delicadeza.

As ilustrações conseguiam mostrar às mulheres que elas podiam se impor mais, com sensualidade, beleza e feminilidade, deixando de serem tachadas como feministas, que eram vistas como mulheres feias e rabugentas (ORDONES, 2007, pag. 138). Mesmo quando assuntos conservadores eram abordados pela coluna, Alceu colocava em seus traços um toque de sensualidade, uma pose, uma cor, que ia contra esse discurso. Ou através dos textos, se “As Garotas” apareciam muito recatadas, os redatores logo escreviam em tom divertido e irônico.

Através das pesquisas na revista “O Cruzeiro” foi possível comparar a coluna “As Garotas do Alceu” com as reportagens reais. É impossível afirmar se “As Garotas” influenciaram alguém tanto no modo de vestir ou no comportamento. Mas há muitos indícios de que foram referência em assuntos comuns no cotidiano feminino da época e que causaram certo interesse dos rapazes. O fato de carregarem muitas mulheres em si, talvez tenha contribuído para que elas conquistassem tantos admiradores. Alceu Penna conseguiu encontrar um equilíbrio entre a modernidade e o recato em suas “Garotas” que, integrada aos textos cuidadosamente pensados, podem ter se tornado uma das ilustrações mais importantes da história brasileira.

---

<sup>32</sup>Disponível em: <<http://www.conjur.com.br/2010-nov-05/constituicao-1988-marco-discriminacao-familia-contemporanea>> Acessado em 3 de junho de 2016.

## REFERÊNCIAS

- CASTRO, Ruy. Texto de apresentação da exposição **“O Brasil na Ponta do Lápis: Alceu Penna, modas e figurinos”**, Senac São José dos Campos, São Paulo, 2015.
- GONTIJO, Silvana. **80 anos de Moda no Brasil**. Editora Fronteira. Rio de Janeiro 1987.
- JUNIOR, Gonçalo. **Alceu Penna e as Garotas do Brasil: Moda e Imprensa – 1933 a 1975**. Barueri, SP: Amarilys, 2011.
- ORDONES, Gabriela. **Vamos Garotas! Alceu Penna – moda, corpo e emancipação feminina (1938-1957)**. São Paulo, 2007.
- OLIVEIRA, Amanda Fonseca. **Imagens da mulher moderna: um estudo da Revista O Cruzeiro e o consumo feminino (1930/1950)**, pag. 9. Disponível em <[http://www.puc-rio.br/Pibic/relatorio\\_resumo2014/relatorios\\_pdf/ccs/COM/COM-Amanda%20da%20Fonseca%20de%20Oliveira.pdf](http://www.puc-rio.br/Pibic/relatorio_resumo2014/relatorios_pdf/ccs/COM/COM-Amanda%20da%20Fonseca%20de%20Oliveira.pdf)> Acessado em: 17 de maio de 2016.
- LADINO, A. **“As Garotas de Alceu”**. **“Não Contrarie as Garotas”**. In: O CRUZEIRO. 10 de dezembro de 1955, pag. 78-79.
- LADINO, A. **“As Garotas do Alceu”**. **“Garotas em Férias”**. In: O CRUZEIRO, 3 de abril de 1954, pag. 46-47.
- LUIZA, Maria. **“As Garotas do Alceu”**. **“As Garotas no Garimpo”**. In: O CRUZEIRO, 5 de dezembro de 1959, pag. 48-49.
- PENNA, Alceu. **Alceu Penna**. ITAÚ Cultura. Disponível em <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa378586/alceu-penna>> acessado em 11/04/2016.
- PENNA, Alceu. **Grandes Nomes**. UOL. Disponível em <<http://www2.uol.com.br/modabrasil/biblioteca/grandesnomes/alceu/>> acessado 17/05/2016.
- SERPA, Leoni Teresinha Vieira. **A máscara da modernidade: a mulher na revista O Cruzeiro (1928-1945)**. Disponível em: <http://www.livrosgratis.com.br>. Acessado em: 17 de maio de 2016.